

J P I C

FREI
FÁBIO ASSUNÇÃO MELOS
VASCONCELOS, OFM

*Cantar e Celebrar com
Francisco
ouvindo os clamores da
Amazônia*



Laudato si'
REVOLUTION

Acadêmico de Teologia do Instituto Teológico Franciscano (ITF)

Petrópolis - RJ

Professo temporário OFM (Custódia São Bendito da Amazônia)



Resumo

Este artigo intitulado: “Cantar e Celebrar com Francisco ouvindo os clamores da Amazônia” aborda o aspecto do carisma franciscano do trabalho pela integridade da criação vinculado com um base poética. Aqui se pretende apresentar a poesia como algo que se relaciona com o mistério e com realidades concretas. A reflexão que se enseja mostra ainda que a celebração e os poemas podem nos lançar no compromisso e no engajamento. E assim, partindo de São Francisco de Assis até a Amazônia, com seus desafios atuais, o texto pretende demonstrar como a atuação dos Frades Menores hoje em toda a Casa Comum, e especialmente na Amazônia, tem por vocação ser uma continuidade do Cântico das Criaturas.

Cantar e celebrar com Francisco ouvindo os clamores da Amazônia

O presente escrito visa tratar a dimensão do cuidado da Casa Comum desde a perspectiva da poética franciscana, especialmente focando na região amazônica. Para tanto, seguimos um andamento, desde o paradigmático Cântico do Irmão Sol até alguns detalhes das sonoridades amazônicas. Esperamos que essa produção contribua para perceber os aspectos poéticos que embasam a espiritualidade franciscana e a defesa da criação. O artigo comenta ainda o desafio de dar continuidade ao Cântico das Criaturas, que se apresenta como uma proposta de vida diante do contexto de crise humana e ecológica da atualidade.

Francisco cantava e ensinava os frades a cantar o canto das criaturas que ele compôs. As fontes Franciscanas atestam que Francisco foi sempre um cantador. Os seus biógrafos (Celano, 2004) relatam que o santo nutria um gosto por entoar os louvores do Senhor no meio de bosques, o que fazia em francês (provençal). Tomás de Celano (2004) afirmou ainda que o Santo de Assis cantava em seu coração como sinal de alegria interior. pode ser reconhecido com Arauto do Grande Rei E mais, o Jogral de Deus em seu caminho convidava as criaturas para o louvor.

A força da poesia na linguagem franciscana

A expressão poesia está tem sua raiz na ideia de criação. O conceito de *poíesis* é muito explorado na filosofia, estudos da linguagem ente outros. Por suas características a poesia se torna linguagem apropriada para o mistério (Silva, 2019). As múltiplas expressões humanas buscam o significado da criação. A loa da criação por excelência é a narrativa do gênesis e na mesma se encontram os

salmos de louvor, de alguma forma sabe se aproximar dessa forma de comunicação poética que está enraizada na humanidade.

A ecologia integral quer abrir-se para as mais diversas linguagens, para além dos dados científicos (Papa Francisco, 2015). A ciência é boa e muito importante, mas não configura a única palavra, ou forma de saber, sobre a casa comum. Podemos ver que em Francisco temos uma resposta, um que poderíamos chamar de responsório ao Criador, onde mergulha na essência poética do ser humano no conjunto da criação. As expressões simbólicas, as metáforas da poética de Francisco revelam seu amor pelo Deus Criador e por cada ser criado. Uma das tarefas que esse poema franciscano nos inspira é o cuidado familiar, a construção de uma fraternidade, visto que nele a casa comum se compara com uma irmã e com uma boa mãe (Papa Francisco, 2015).

O cântico de Francisco floresce junto com a poesia láudica, ou seja, em forma de louvor. Os versos constantemente exclamam: louvado sejas! Outro tema que se pode extrair de um olhar sobre o canto das criaturas é que o Cântico das Criaturas foi uma das primeiras poesias escritas em italiano (Frugoni, 2011; Silva, 2019). A escolha da linguagem popular e das realidades vistas pelo povo, são outra lição que podemos colher desse cântico. É uma composição de autor-místico (Silva, 2019) que fala ao povo ainda hoje, e se aproxima hoje das preocupações que rondam a vida no planeta.



Laudato Si': um convite ao louvor

A encíclica *Laudato Si'* tem um título sugestivo que nos remete ao louvor em uma alusão clara ao franciscanismo. Cantar e celebrar ao Criador pela boa-nova da criação são duas atitudes muito próximas dentro da tradição judaico-cristã. O legado do louvor foi um dos grandes ensinamentos deixados por São Francisco, seu amor pela arte o fez um grande cantor das obras de Deus.

Em a vida de um homem: Francisco de Assis, a historiadora Chiara Frugoni (2011), dedica o último capítulo ao “adeus”, onde retrata a despedida e os últimos momentos de Francisco na terra. A autora dedica boa parte desse capítulo para fazer um comparativo entre a tessitura do cântico do irmão sol com os derradeiros dias do homem Francisco. Recorda que esse canto é um elemento de destaque na celebração da sua páscoa definitiva. Francisco com a visão enfraquecida e saúde debilitada não sentia somente males em seu corpo, mas, por meio do canto do Irmão Sol poderia ver novamente a beleza e grandiosidade da criação e alimentar assim o sentimento de gratidão (Frugoni, 2011).

Na impossibilidade da itinerância da pregação agora por meio do coro dos frades, menestréis de Deus, Francisco continuava indo ao povo. Desse modo podemos ver como o Cântico das Criaturas é um legado e mantém viva a presença e as ideias franciscanas. Esse cântico é um contínuo louvor, que não se encerra, que atravessa os tempos e chega até nós. O caráter de convite ao louvor faz dele um inviatório. Ele acompanhado ao canto de lamento da Terra, chegaram aos ouvidos da Igreja e ganharam destaque na encíclica *Laudato Si'*. Vale lembrar que ainda outros autores preocupados com a crise socioambiental escreveram obras inspirados nesse mesmo cântico de São Francisco.



Celebração que reúne e movimenta os irmãos

Celebrar é quer bem e unir-se para evidenciar um momento ou alguém. Podemos dizer que a celebração é o oposto da destruição. Porque quem celebra enaltece e não destrói aquele dom celebrado. Fazemos memória da vida recorrendo ao poético, cantamos sonhos sem ignorar a realidade. Assim o fazem os artistas populares quando cantam as belezas e desafios da Amazônia. Celebrar desemboca em um agir. Quando celebramos a Mãe Terra, comemoramos a Criação de Deus. Louvar pela Criação, nos aproxima dos seus clamores e sofrimentos da Terra. O método da *Laudato Si'* se assemelha ao consagrado: *Ver-julgar-agir*, latino-americano, que de algum modo podemos dizer que também permeia o cântico de Francisco de Assis.

O louvor das criaturas brota de um olhar para beleza da realidade criada, alimentado pela Evangelho da criação (Papa Francisco, 2015). Esse canto também nos faz pensar nossas atitudes e assumir novas posturas. Lembremos que a realidade de discórdia fez Francisco acrescentar a estrofe sobre os que perdoam (Frugoni, 2011), e se reconciliam no amor e promovem a paz. Eis uma amostra da ecologia integral, que promove o reencontro e que quer unir o ser humano com o todo da criação. O canto das criaturas reúne nos seus versos as realidades naturais, antropológicas e teológicas.

O Papa Francisco (2015) na *Laudato Sí'* nos recorda que devemos caminhar cantando, isso quer dizer que em meio às lutas e preocupações com a Casa Comum não podemos perder a alegria e a esperança. O cantar nos movimenta e ele exige de nós ensaio. Precisamos saber o conteúdo do canto e como unir poesia e sonoridade. Esse conhecimento e os antecedentes da composição podem ser comparados ao nosso ver, precisamos beber do chão da vida para que dele possa emergir o nosso louvor. Entoar cânticos pode ser um ato de anúncio



e de denúncia. Uma das funções do canto é manifestar a alegria e paz que cada um traz dentro de si. Vale recordar que Francisco estava, mesmo antes de sua conversão envolvido pela poesia e musicalidade, por ser um sujeito tomado de gáudio. E assim, o canto nunca deixou de acompanhar a vida de Francisco (Silva, 2019).

Louvar com a Criação em contexto amazônico

Uma sonoridade a nos embalar: no louvor e na luta da floresta

Os cantos nos trazem sentimentos, inspiração, memórias e tocam outras tantas dimensões variadas do nosso ser. Podemos dizer que o cantar não é um gesto exclusivamente antrópico, uma vez que tudo ao nosso redor canta, e nossos ouvidos podem captar esses sons. Amazônia é um canto constante com estrofes ainda a serem compostas. Temos nela a diversidade sonora, os cantos indígenas, os tambores afroamazonidas, a caída das sementes nos rios, o gorjear que emerge das matas. Cantadores e poetas se dedicaram grandemente em fazer brotar desse solo uma canção com identidade e nunca desenraizada da natureza. Se Euclides da Cunha (2000) afirmou que a Amazônia é página aberta do gênesis, podemos parafrasear e dizer que ela é a melodia perdida do canto do irmão sol.

Os cantos também podem animar nossa firme decisão de ser guardiães da terra e luta por libertação. As referências aos animais nos cantos da tradição popular, toadas de boi-bumbá com apelo ecológico serve para como sinais, são cantos de alerta. O que nos vem à mente quando cantamos os louvores da criação em meio à espoliação e sofrimento da Terra e dos pobres. E desse modo, tomando de empréstimo não somente as palavras de louvor, mas as indagações de diversos salmos para podermos nos questionar agora. A resistência poético-



contemplativa dos povos da floresta reconhecida pelo Papa Francisco em Querida Amazônia, é uma verdadeira resposta e consiste em olhar cuidadosamente sobre as coisas da Terra que nos conchama para o passo profético.

Louvado sejas pela irmã e mãe Amazônia

Os fortes clamores que a vida franciscana escuta dentro da realidade amazônica, vem ao encontro da poética de São Francisco, cantor do irmão sol, e do Papa Francisco, trovador da ecologia integral. O cântico das criaturas e os sons amazônicos fazem frente ao “canto da seria” (Papa Francisco, 2020, p.13), que são as ofertas sedutoras dos grupos de poder.

O Sínodo para a Pan-Amazônia está vinculado com as propostas da Laudato Si'. Esse canto novo é para que floresça a vida na floresta. Os sonhos e propostas da exortação apostólica Querida Amazônia desejam levar os povos amazônicos ao momento de entoar o seu louvor, no estilo bíblico do magnificat. Revisando sua história na região a Igreja quer agora compor um canto de decolinialidade, envolvido em ritmo intercultural.

A raiz desses salmodia no meio da realidade amazônica é o Amor de Cristo que suscita um a busca da justiça e “um canto de fraternidade e solidariedade”, unido pela cultura do encontro (Papa Francisco, 2020, p.8). Na Amazônia ninguém deve cantar nem dançar só, mas em espírito de fraterna comunhão. E essa irmandade e sororidade é universal, conforme a proposta do santo de Assis.

Em Querida Amazônia, o Papa Francisco, além de citar poemas amazônicos, revela o valor da linguagem poética diante desse lugar sagrado. Entre os poetas citados vemos muitos adeptos da poesia comprometida com a vida do povo e com o lugar de onde falam. Ele se coloca entre a observar o trabalho dos



cantadores populares destacando que a linguagem dos poemas é um contraponto ao paradigma tecnocrático e consumista (Papa Francisco, 2020). A Amazônia é fonte de inspiração artística com um rosto próprio. E as belezas e desafios sociais e ecológicos são ressoados nos versos que chamam atenção para o grito da terra. A poesia pode expressar bem a dor sentida pelos povos da região amazônica, o que de forma alguma significa florear ou diminuir seu sofrimento.

A Ordem dos Frades Menores, e outros seguimentos da Família franciscana aprende a seguir o louvor ao Altíssimo defendendo a Terra ferida. Os frades buscam ser um canto de esperança e profecia em meio ao contexto em que vivem. Sentem que são chamados a ser na Casa Comum, jograis de Deus como foi São Francisco, para celebrar e poetizar. Ser peregrino e estrangeiro na Amazônia, significa por primeiro ter noção de não se apropriar de nada. A natureza não é mercadoria e não somos seus donos.

Cantar a criação é também pregar a paz. Dessa maneira nos aproximamos da noção de bem viver, uma expressão dos povos originários da Amazônia, que visa construir uma comunhão e harmonia “entre si e com o cosmos”. Nesse ponto a vida fraterna deve pautar-se pelo bem viver e não pelo viver bem, e assim: “[...] cultivar com todos os seres humanos a mesma comunhão fraterna que cultivam entre si” (CCGG, Art. 87, p.70) e que no seguimento de Francisco, irmão de todas as criaturas, recomenda-se aos frades, o respeito pela natureza (cf. CCGG, Art. 70).

A restituição do Evangelho deve comportar o seu caráter de encontro com as mais variadas matizes culturais. Devedores dos benefícios de Deus, vivendo entre os cristãos, os frades devem trabalhar em vista da evangelização e devem ajudar os povos a viver e celebrar a fé em formas adaptadas as suas culturas,



fomentando desse modo a inculturação (cf. CCGG, Art 72). Construir uma Igreja, e, por conseguinte um franciscanismo, com rosto amazônico só será possível mediante um “*aprofundamento do processo de inculturação*” (Papa Francisco, 2013). O artigo 116 das constituições reafirma esse mesmo aspecto de reconhecer e privilegiar a índole de cada povo, como aspecto importante na evangelização.

O canto não pode parar: considerações e desafios

O presente texto evidenciou uma união existente entre o cântico das criaturas, as palavras do Papa Francisco e a vida Franciscana na Amazônia. Uma mesma cadência vincula as palavras apaixonadas do Pobrezinho e a os desafios da vida contemporânea. O uníssono entre essas mensagens parece ser o ouvir os clamores da terra e empenhar-se em cuidado com a criação que emerge de um olhar contemplativo. O valor da poesia como alimento dos sonhos, exclamação dos sentimentos e expressão do mistério foi muito bem captado por São Francisco. A composição do cântico das criaturas é uma síntese entre a convite ao louvor (invitatório) e a resposta a ação de Deus (responsório). Essa composição de Francisco encontra ressonância nas loas e lamentos¹ da Amazônia de hoje.

A Amazônia é lugar de canto e inspiração, que aguarda a encarnação do amor e da esperança. Referir-se a Amazônia como “querida” constitui além de uma admiração um compromisso. Nessa parte do mundo, tão preciosa, os Frades Menores são convidados a sustentar o louvor ao Deus Altíssimo, ajudando a recompor a sinfonia desta casa comum por meio da ecologia

¹ Padre Geraldo Leite Bastos, da região nordeste do Brasil intitulava o livro de cantos da sua paróquia de “Loas e Lamentos”, um belo binômio que expressa o sentido da poesia na vida humana. Para mais informações ver: FONSECA, J (2000). *O Canto novo da Nação do Divino: música ritual inculturada na experiência do Padre Geraldo Leite Bastos e sua comunidade*. São Paulo: Paulinas.

integral. Reconhecemos os limites e sabemos que essa discussão não se encerra agora, esperamos que mais pessoas possam acrescentar poesia e prosa a essas palavras. O grupo de música amazônica Raízes Caboclas (2007) compôs uma canção chamada “irmão do universo” e com um trecho desses versos encerramos esta publicação: *“Eu sei o nome dos povos/ Sou irmão das criaturas/ Que andam sobre a terra / Ou que voam nas alturas/ Eu sou irmão do universo/ Este universo sem fim/ Eu sou uma parte dele/ E ele uma parte de mim”*.

Referências

Celano, T. (2004) *Primeira Vida*. Em C. Teixeira (Ed), *Fontes Franciscanas e Clarianas* (pp.197-299). Petrópolis: Vozes.

Cunha, E. da. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. Hildon Rocha (org.). Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial.

Frugoni, C. (2011). *Vida de um homem: Francisco de Assis*. Editora Companhia das Letras.

Ordem dos Frades Menores (2012). *Construções Gerais e Estatutos Gerais da Ordem dos Frades Menores*. Belo Horizonte: Gráfica Colégio Santo Antônio.

Papa Francisco (2013). *Exortação Apostólica pós-Sinodal Evangelii Gaudium*. Brasília: Edições CNBB.